

PRÁTICA DOCENTE NO PROCESSO DE FORMAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DA AVALIAÇÃO FORMATIVA

TEACHER PRACTICE IN THE TRAINING PROCESS UNDER THE PERSPECTIVE OF FORMATIVE ASSESSMENT

Gabriela Selingardi¹, Marcos Vinícius Marcondes Menezes²

¹Universidade Estadual de Maringá – UEM – gabiselingardi@hotmail.com

²Universidade Estadual Paulista – UNESP – marcosmenezes@professor.sp.gov.br

RESUMO

A convivência e frustrações com as práticas avaliativas dos meus professores, do ensino médio e da graduação, baseadas em provas escritas e realizadas somente ao desenvolvimento final do conteúdo, despertou o interesse em investigar outras formas de usar a avaliação. A presente pesquisa tem como foco analisar a minha prática como professora regente em uma Escola Pública; em que tentei me apropriar da avaliação formativa como subsídio teórico para refletir sobre minha prática. Neste trabalho, foi usado como aporte teórico, alguns pesquisadores como: Jussara Hoffmann, Paul Black e Dylan Wiliam e Donald A. Schön. A constituição de dados foi realizada por meio das narrativas confeccionadas durante a regência na disciplina de Estágio Supervisionado II. Por meio dessas narrativas, procuramos encontrar elementos que responda a problemática central da pesquisa, a saber: *Como as ações pedagógicas de uma professora regente, contribuíram para se aproximar ou distanciar da perspectiva da avaliação formativa? Quais foram as contribuições para reflexão da própria prática?* Por meio da pesquisa, compreendemos a importância da avaliação formativa no processo contínuo de ensino e aprendizagem. No entanto, apreendemos na análise algumas complexidades encontradas pela professora regente, o que resultou em poucos momentos de aproximação da prática em uma perspectiva de avaliação formativa.

Palavras Chave: Avaliação Formativa, Professor Reflexivo, Prática Docente.

ABSTRACT

The coexistence and frustrations with the assessment practices of my teachers, high school and graduation, based on written tests and carried out only to the final development of the content, aroused the interest in investigating other ways of using the assessment. The present research focuses on analyzing my practice as a teacher in a Public School; In which I tried to appropriate the formative assessment as a theoretical allowance to reflect on my practice. In this work, some researchers such as: Jussara Hoffmann, Paul Black and Dylan Wiliam and Donald A. Schön were used as theoretical contributions. The constitution of data was performed through the narratives made during the regency in the discipline of Supervised Internship II. Through these narratives, we try to find elements that answer the central problem of the research, to know: *How did the pedagogical actions of a regent teacher contribute to getting closer to or distancing from the perspective of formative assessment? What were the contributions to reflect on the practice itself?* Through the research, we understand the importance of formative assessment in the continuous process of teaching and learning. However, we learned in the analysis some complexities encountered by the teacher regent, which resulted in few moments of approximation of the practice in a perspective of formative assessment.

Keywords: Formative Assessment, Reflexive Teacher, Teacher Practice.

INTRODUÇÃO

Ao ministrar suas aulas, o professor se depara com dificuldades, problemas e desafios de várias naturezas. Entre eles a indisciplina escolar, as dificuldades de aprendizagem, a gestão do tempo e do currículo e a prática avaliativa. Como e qual recurso o professor irá fazer uso para tentar superar esses obstáculos, bem como o grau de autonomia para o enfrentamento dessas situações, são pressupostos de uma boa prática de ensino do professor.

Quando o professor reflexivo está em sala de aula, ou fora dela, ele pode refletir sobre ou durante suas aulas. Ao refletir, ele tem a possibilidade de analisar a sua prática à luz das teorias pedagógicas e da pesquisa em educação, com a finalidade de melhorar sua forma de ensinar, bem como compreender melhor o processo de aprendizagem de seus alunos, preocupando-se em atender à necessidade de cada um deles. Nessa concepção, o docente, deixa de atuar como um mero reproduzidor de teorias e técnicas produzidas por terceiros, para assumir a autonomia e responsabilidade pela construção de suas próprias estratégias de enfrentamento da realidade, baseadas em reflexões da sua ação e da teoria.

Desta forma é preciso ter o conhecimento na ação, Schön (2000) acrescenta que, ao observar algo e refletir sobre algumas ações nossas, isso oportunizará efetuar uma descrição sobre esse conhecimento na ação, isto é, o conhecimento tácito. A descrição desse conhecimento dependerá da linguagem que cada sujeito tem disponível, ou seja, o meio em que esse sujeito esteja inserido. Entretanto, o que realmente importa é que essas descrições serão sempre construções, pois são tentativas de exposição diante de um conhecimento tácito. A partir do conhecer serão feitos ajustes e correção de erros. Ao descrevermos o que acabamos de conhecer e observar, isso se torna “em conhecimento na ação”.

Para Schön (2000, p. 32), a análise da própria prática caracteriza-se por três instâncias de reflexão: “reflexão na ação; reflexão sobre a ação; e reflexão sobre a reflexão na ação”. Segundo, Schön (2000), após possuir o conhecimento tácito, acreditamos que o professor estará preparado para executar as atividades, contudo nem sempre as ações ocorrem do jeito que foi planejado, principalmente em sala de aula, onde sempre há uma surpresa. Esses imprevistos podem ser respondidos por meio das reflexões que podem ser feitas, para compreender a causa desses imprevistos. No

decorrer das ações, pode-se refletir sem interromper o planejamento, sendo que essas reflexões proporcionam subsídios para o professor aplicar um novo método em sala de aula durante a ação, diante desta situação tem-se a reflexão na ação (SCHÖN, 2000).

É interessante lembrar que a reflexão na ação refere-se às observações e reflexões do docente durante a sua prática, visto que o professor pode se surpreender com o que o aluno faz ou diz. Dessa forma, ele reflete sobre o que fez ou disse, procurando reformular o seu modo de ver o problema e colocando questões ao aluno para testar a hipótese que formulou sobre a forma de pensar desse aluno. A reflexão na ação possibilita esse diálogo com a situação problemática. Portanto, “[...] o que distingue a reflexão na ação das outras reflexões é a imediata significação para a ação”. (SCHÖN, 2000, p. 34).

Ainda, segundo Schön (2000), a reflexão sobre a ação acontece quando o professor reformula mentalmente a ação para analisar retrospectivamente esse processo de olhar sobre a ação. Ela auxilia o professor a perceber o que aconteceu durante sua prática e como os inesperados acontecimentos foram resolvidos. E, por fim, a reflexão sobre a reflexão na ação leva o professor a aperfeiçoar novos raciocínios, novas formas de compreender e agir sobre os problemas. Esse processo é fundamental para o desenvolvimento do conhecimento profissional do professor, permitindo que ele reflita sobre as ações passadas e projetando um futuro com novas práticas. Como exposto por Schön (1992),

[...] é possível olhar retrospectivamente e refletir sobre a reflexão-na-ação. Após a aula, o professor pode pensar no que aconteceu, no que observou, no significado que lhe deu e na eventual adoção de outros sentidos. Refletir *sobre* a reflexão-na-ação é uma ação, uma observação e uma descrição, que exige o uso de palavras (SCHÖN, 1992, p.83).

Esses três conceitos de reflexão não ocorrem de forma isolada, mas se complementam.

Um dos aspectos que permeiam a prática do professor reflexivo e que é o interesse do nosso estudo é a avaliação escolar. Acreditamos que a avaliação é uma das dificuldades que o professor enfrenta em sala de aula. Neste interim, compreendemos que a postura do professor reflexivo pode ajudar o docente a melhorar sua prática avaliativa. A partir da avaliação o professor poderá manter-se nesse processo de reflexão sobre sua prática, pois “a avaliação é a reflexão transformada em ação. Ação, essa, que nos impulsiona a novas reflexões”. (HOFFMANN, 2013, p.24).

O QUE É AVALIAR? EXPLORANDO O CONCEITO DE AVALIAÇÃO

Muitos professores acreditam que avaliar significa apenas aplicar provas, testes, dar uma nota e classificar os alunos como aprovados ou reprovados. Sobre isso, Hoffmann (2013) comentou que a nota é entregue aos alunos sem nenhuma interpretação do significado dela. Esse medo e angústia dos alunos são provocados pela preocupação em tirar uma nota boa e ser aprovado na matéria. Assim, muitos desses alunos são pressionados pela família que também está preocupada em saber se o filho foi aprovado ou não em determinada disciplina.

Diante dessas situações desagradáveis, encontradas sobre a avaliação, paramos para analisar: será que só existe uma maneira de avaliar os alunos? O que posso avaliar nos alunos? Comportamento? Aprendizagem? Procuramos na literatura quais as funções da avaliação utilizadas pelos professores em sala de aula: avaliação diagnóstica, avaliação somativa e avaliação formativa.

A avaliação diagnóstica, ocorre no início de um novo ciclo de aprendizagem e é utilizada pelo professor para conhecer o nível de aprendizagem de seus alunos. A avaliação somativa, geralmente ocorre no final de cada período de aprendizagem, com o objetivo de medir o conhecimento adquirido pelo educando. Segundo Villas Boas (2006), essa avaliação leva em conta a soma de um ou mais resultados e são usados para decidir a respeito da promoção ou reprovação dos alunos. Por fim, temos a avaliação formativa que, segundo Black e Wiliam (1998), é realizada com o propósito de informar o professor e o aluno sobre o resultado da aprendizagem, durante o desenvolvimento das atividades, que é feita de maneira contínua em sala de aula, ou seja, a partir do *feedback* dado pelos alunos ao professor, ele terá a oportunidade de reorganizar o seu trabalho.

O CONCEITO DE AVALIAÇÃO FORMATIVA

A avaliação formativa “[...] valoriza o aluno e sua aprendizagem e o torna parceiro de todo o processo, conduz a inclusão, e não a exclusão” (VILLAS BOAS, 2006, p. 77), está a favor da aprendizagem dos alunos, investigando os erros e dificuldades encontradas, ajudando-os realmente a aprender. A avaliação tem caráter formativo também para o professor, que encontrará nela suporte para refletir sobre sua prática, a fim de adaptá-la à necessidade de cada aluno.

A avaliação formativa exige dos professores uma reflexão a respeito dos seus conhecimentos teóricos, compreendendo as possibilidades de inovação sobre a

avaliação escolar. Por esse motivo, teoria e prática precisam ser bases nesse processo, e a reflexão deve ser contínua no processo avaliativo.

É interessante comentar que a avaliação formativa representa referencial importante para o estudo e a prática do professor, constituindo-se arsenal teórico que possibilita focalizar melhor o aluno, possibilitando observar cada momento vivido pelo aluno, já que cada indivíduo possui um ritmo de aprendizagem. Sendo assim, a avaliação formativa se contrapõe a outras formas de avaliação, como a diagnóstica e a somativa, que muitas vezes procuram relacionar o insucesso dos alunos à família, à falta de interesse, entre outros. Para Villas Boas (2006):

Quando se apresentam os resultados insatisfatórios do desempenho estudantil, geralmente não se questiona a avaliação. É comum responsabilizar os alunos e suas famílias: os primeiros são preguiçosos, não gostam de estudar e não querem “saber de nada”; seus pais, por sua vez, são, acusados de não o auxiliar nas tarefas de casa e de não colaborar com a escola (VILLAS BOAS, 2006, p. 77, aspas do autor).

Vale destacar que, para esse método de avaliação, o professor terá que repensar/refletir em suas práticas e adequá-las à dificuldade de cada aluno. Os professores necessitam saber a respeito do progresso de seus alunos e das dificuldades de aprendizagem que eles possuem, de modo a poder adaptar seu trabalho às necessidades deles (BLACK e WILIAM, 1998).

A autorreflexão do professor pressupõe que o ensinar inexistente sem aprender; e vice-versa. O processo de avaliação formativa deve ser desenvolvido de forma mediadora, de forma a permitir que o professor possa analisar reflexivamente as diferentes formas de pensar e solucionar as questões sugeridas, levando em conta os conhecimentos prévios de seus alunos; podendo, no final, aplicar e direcionar sua prática educacional.

Entendemos, assim, que a avaliação torna-se avaliação formativa quando as evidências são usadas para adequar o trabalho de ensino às dificuldades dos alunos (BLACK e WILIAM, 1998). Não se pode esquecer, entretanto, que a sala de aula é composta por um grupo heterogêneo, destacando-se que cada aluno possui uma particularidade. Além disso, ele traz consigo conhecimentos prévios, que fazem parte da sua vida social e cultural. Notamos ainda, que muitos professores têm dificuldades para realizar a avaliação formativa, pois “[...] não é nem um modelo científico, nem um modelo de ação diretamente operatório” (HADJI, 2001, p. 25), ou seja, não tem uma

receita a ser seguida, pois as turmas mudam, os alunos nunca são os mesmos. Logo, para cada turma, o professor terá uma metodologia diferente a ser praticada.

Convém acrescentar que, para que se possa perceber a necessidade de cada aluno, o professor poderá utilizar instrumentos e métodos avaliativos, que podem ser a partir de observações e discussão em sala de aula (BLACK e WILIAM, 1998). O professor poderá usar todas essas informações produzidas pelos alunos para alterar suas metodologias em sala de aula.

Black e Wiliam (1998) acrescenta, ainda, que o diálogo é algo inevitável. É preciso que os alunos expressem seus entendimentos com suas próprias palavras. A partir dessa interação, o professor poderá observar cada aluno e redirecionar o entendimento de cada um. Muitos professores, no entanto, não concedem o tempo necessário para esse aluno responder. Outro problema é que há momentos em que o professor já espera uma resposta desse aluno e quando ele não responde de maneira esperada, o professor conduz esse aluno para poder produzir a resposta que ele estava esperando. Isso ocorre porque os professores não estão preparados para uma aula dialogada.

Para que possa ocorrer o diálogo em sala de aula de uma forma que os alunos tenham tempo para responder, a solução seria colocar os alunos em grupos, proporcionando um tempo maior para a discussão e compartilhando suas ideias. No final dessa atividade, o professor deve pedir para cada aluno que entregue uma folha separada com suas respostas e, na sequência, selecionar algumas delas para que os alunos leiam. Assim, os alunos terão uma reflexão sobre sua aprendizagem e, a partir de então, a avaliação terá um caráter formativo (BLACK e WILIAM, 1998).

O *feedback* é um dos elementos mais importantes na avaliação formativa, pois se preocupa com a aprendizagem dos alunos e não com suas notas. Segundo Black e Wiliam (1998), quando o aluno obtém uma nota baixa e não recebe seu *feedback*, os dados foram desnecessários, pois o aluno não reconheceu sua aprendizagem, apenas recebeu uma nota sem saber/entender o significado daquele número. Sendo assim, Black e Wiliam (1998) entende que o *feedback* faz com que o aluno aprenda a identificar suas habilidades e dificuldades. Entretanto, deve-se proporcionar aos alunos meios e oportunidades para o seu reconhecimento. Para isso, podem ser aplicados testes e exercícios para resolver em casa como meios para observar a aprendizagem dos alunos.

Outro ponto importante que se destaca na avaliação formativa é fazer a autoavaliação, estratégia que os professores sentem dificuldades em realizar. O aluno não entende que a avaliação é para ele e não para o professor; tampouco para mostrar a seus pais. O aluno precisa ter consciência da sua aprendizagem, da sua evolução, dentro de determinado conteúdo.

No conceito de Villas Boas (2006), a autoavaliação é um processo pelo qual “o próprio aluno analisa continuamente as atividades desenvolvidas e em desenvolvimento, registra suas percepções e sentimentos e identifica futuras ações para que haja avanço na aprendizagem” (VILLAS BOAS, 2006, p. 86). As informações oferecidas na autoavaliação também são usadas para reorganizar o trabalho do professor; sendo assim, não tem a intenção de penalizar os alunos, e nem atribuir notas.

A autoavaliação é uma aliada do aluno, por possibilitar-lhe refletir sobre o seu progresso e participar da tomada de decisão sobre as futuras atividades; ao mesmo tempo, é uma aliada do professor, por permitir-lhe conhecer com mais profundidade o que o aluno pensa sobre o seu trabalho e com ele dividir responsabilidades. (VILLAS BOAS, 2006, p. 87).

A autoavaliação é importante para que os alunos possam compreender a evolução da sua aprendizagem e para que o professor consiga refletir sobre sua própria prática diante da autoavaliação que os alunos fizeram.

METODOLOGIA

Esta pesquisa esteve ligada à disciplina de Estágio Supervisionado II, ministrada no curso de Licenciatura em Física na Faculdade de Engenharia Júlio de Mesquita Filho, Campus de Ilha Solteira. Dentre as obrigações, o discente deveria cumprir 40 horas/aula de regência em sala-de-aula, no período entre os meses de abril a outubro do ano de 2014. A proposta deste estudo foi desenvolvida pela professora regente em uma turma da Primeira Série do Ensino Médio de uma escola pública, localizada no município de Ilha Solteira/SP. Os conteúdos trabalhados durante esse período de regência tiveram como base a proposta curricular do estado de São Paulo cujos conteúdos trabalhados compreenderam: Velocidade Média, Movimento Retilíneo Uniforme, Movimento Uniformemente Variado, Queda Livre, Leis de Newton. Durante o período de regência, esses conteúdos foram desenvolvidos com exercícios, atividades experimentais, atividades em grupos, provas e seminários.

As aulas foram planejadas de forma contínua, a partir das reflexões, buscando os elementos da avaliação formativa, segundo os referenciais teóricos estudados. Com

base nesses estudos ao planejar as aulas, a professora procurou fazer o que diz os referenciais, portanto estávamos sempre preocupados com aprendizagem dos alunos, tentando observar as dificuldades e evoluções de cada um, tendo como ponto central de planejamento as discussões ocorridas entre os alunos e a professora regente.

De acordo com Freitas e Galvão (2007), a professora refletirá sobre suas ações, a partir das narrativas, dispondo de subsídios para um futuro com práticas inovadoras. No final de cada aula trabalhada, a professora regente confeccionou uma narrativa contendo suas perspectivas, suas ações em sala, expondo suas emoções, reflexões e angústias daquela aula. Essas narrativas eram enviadas para os orientadores do trabalho de conclusão de curso, constituindo-se em dados da pesquisa.

Os dados são constituídos por meio de 12 narrativas, compreendendo o desenvolvimento de 24 horas/aula da professora regente. Essas narrativas foram analisadas a partir da Análise de Conteúdo (BARDIN 2011) sob a luz do referencial do professor reflexivo e da avaliação formativa, buscando apreender elementos que respondam à problemática da pesquisa.

Desta forma, o problema central da pesquisa é: *Como as ações pedagógicas de uma professora regente, contribuíram para se aproximar ou distanciar da perspectiva da avaliação formativa? Quais foram as contribuições para reflexão da própria prática?*

ANÁLISE DOS DADOS

No Quadro 1, observamos cada dimensão juntamente com as categorias. As categorias foram criadas com base da leitura do referencial teórico.

Após a elaboração do Quadro 1, foi analisada cada categoria, por meio das unidades de análise (UA)¹. Realizamos recortes das narrativas da professora-regente e inserimos em um quadro dentro de cada categoria estabelecida. Em cada quadro discutimos todas as unidades de análises escolhidas e, por fim, uma breve conclusão de cada categoria. Todas as discussões foram baseadas nos referenciais teóricos que fazem parte do estudo.

¹ As unidades de análise foram retiradas das narrativas da professora-regente, o qual era feita ao final de cada aula.

Quadro 1: Esquema das dimensões com suas respectivas categorias

Dimensão	Categoria
Diálogo em sala de aula	Alunos resistentes
	Tentativa de explicação dos alunos
	Professora questionadora
	O feedback dos alunos sob a perspectiva da percepção da professora.
Ações da professora	Feedback da professora
	Reflexões sobre a própria prática
Avaliação	Explicação da avaliação
	Reação dos alunos com o método avaliativo
	Feedback dos alunos sobre a avaliação
	Feedback da professora sobre a prova
	Reflexões da professora sobre como elaborar a nota
	Reflexões da professora sobre a prática avaliativa

A seguir analisamos todas as categorias juntamente com as unidades de análises da dimensão: avaliação, visto que neste artigo iremos tratar apenas esta dimensão.

Dimensão: Avaliação

Esta dimensão mostra como foi realizada a avaliação em sala de aula e quais foram as reflexões da professora sobre o processo avaliativo. As categorias foram elaboradas com base na interpretação das falas da professora, baseados nos referenciais teóricos da avaliação formativa e professor reflexivo.

CATEGORIAS DA DIMENSÃO AVALIAÇÃO

Explicação da avaliação: Nessa categoria apresentamos as unidades de análise, que permite observar como a professora explicou aos alunos como iria avaliá-los durante o período de regência.

Quadro 02: Unidades de análise – Explicação da avaliação

Narrativas	Unidades de análises
01	<i>Conversei como pretendia trabalhar com eles de hoje em diante e por fim expliquei como seria avaliação durante esse período. Avaliaria suas participações em sala de aula, seminários, provas, trabalhos, discussões em sala de aula, entre outras atividades que fossem desenvolvidas durante esse período, portanto estaria avaliando-os constantemente. Queria deixar claro que não iria aplicar apenas uma prova no final de cada conteúdo e que não estava preocupada com a nota deles e sim com a aprendizagem.</i>
08.1	<i>Coloquei na lousa novamente os critérios que estava usando para avaliar eles, sendo: Participação em sala de aula, Aprendizagem, Frequência nas aulas (visto que tenho muitos alunos que não aparecem nas aulas), Tirou dúvidas com a professora, Desempenho nas atividades e Provas, Respeito com a professora e Respeito com os outros alunos.</i>

Na UA 01, observamos que a professora fez um contrato pedagógico didático com os alunos, esclarecendo sobre a sua metodologia de trabalho e enfatizando que não estava preocupada com a nota dos alunos e, sim, com aprendizagem. Entretanto, em todas as atividades que a professora colocou, é perceptível que a concepção de avaliação da professora foi baseada nas notas e não na aprendizagem dos alunos. Devido a esse trecho ser do primeiro dia de aula, é esperado que a professora tenha refletido sobre os critérios que ela utilizou para avaliar os alunos, pois, para que se torne uma avaliação formativa, ela deveria estar atenta com a aprendizagem dos alunos.

Na UA 08.1, a professora fala novamente para os alunos quais os seus métodos de avaliação. É possível notar que, da UA 01 para essa UA 08.1, houve uma mudança no contrato pedagógico didático da professora. Os critérios que ela está usando agora são diferentes do primeiro momento em que ela conversou com os alunos, portanto, podemos dizer que houve uma reflexão da professora. Com base nos referenciais estudados de Schön (2000), a mudança de critérios da professora, mostrou a partir do seu momento de reflexão sobre a reflexão da ação, no qual ela refletiu sobre suas ações o que a levou a aperfeiçoar seus critérios de avaliação. Dessa forma, identificamos uma transformação advinda da reflexão da professora. Os critérios utilizados por ela não condizem com uma avaliação formativa, pois o *respeito com a professora e respeito com os outros alunos* não fazem parte desse processo, uma vez que tais características

dizem respeito ao comportamento do aluno e ela estipulou que tais aspectos eram passíveis de nota.

Nas duas unidades de análise a professora se mostrou preocupada com a nota dos alunos e não com aprendizagem. Outro fator importante, que verificamos foi que, ao colocar todos os critérios na lousa, a professora acredita que já está realizando uma avaliação formativa, pois oferece vários métodos para os alunos tirarem nota, no entanto acaba se esquecendo da parte principal, a aprendizagem.

Reação dos alunos com o método avaliativo da professora: nessa categoria expomos a unidade de análise que permite identificar a reação dos alunos ao método avaliativo proposto pela professora.

Quadro 03: Unidade de análise – Reação dos alunos com o método avaliativo da professora

Narrativa	Unidade de análise
08.2	<i>Alguns alunos ficaram espantados, pois nenhum professor fez isso com eles, outros acharam ruins, outros já acharam legal essa ideia, uma aluna disse: “Nossa professora eu gostei desse jeito que você vai dar as notas, pois aqueles que têm bom comportamento tem chance de melhorar a nota, e não fica só com a nota da prova” (A6).</i>

Na UA 08.2, o comentário que aluna fez sobre os critérios de avaliação da professora é muito grave, pois, para ela, alunos “bonzinhos” têm mais chances de ganhar nota, por meio do seu comportamento, ou seja, se tiver um bom comportamento durante o semestre, ela terá uma nota boa sem a necessidade de depender só da prova. Essa situação mostrou que a professora não soube se expressar sobre seus critérios de avaliação, pois, no contrato pedagógico didático que a professora fez com os alunos, ela mostrou que iria avaliar o respeito dos alunos para com ela e com os colegas. Diante dessa situação, percebemos que a professora poderia estar usando a avaliação como uma “medida”. De acordo com Hoffmann (2013), os professores acreditam que tudo pode ser medido, o que mostra que seus critérios ficam confusos e sem significados. No caso da professora, ficou claro, na fala da aluna, que ela realmente está avaliando os alunos por critérios que não fazem sentido, ou seja, a concepção de avaliação é que tudo pode ser medido, não ficando evidente que ela estaria preocupada com a aprendizagem dos alunos. A professora deveria ter refletido sobre a maneira como tem avaliado os alunos, pois a forma como que avaliou, está muito distante da avaliação formativa.

Feedback dos alunos sobre a avaliação: nessa categoria apresentamos as unidades de análises em que foi possível observar o *feedback* dos alunos em relação a avaliação.

Quadro 04: Unidades de análise – Feedback dos alunos sobre a avaliação

Narrativas	Unidades de análises
08	<i>Em seguida entreguei para os alunos uma ficha de autoavaliação[...]. [...] alguns alunos foram muito sinceros em suas respostas, falando de suas dificuldades. Um aluno deixou um recado no canto da folha no qual estava escrito: “Prof. Vou pedir para que pegue pesado comigo e me ajude a entender as coisas, tenho muita dificuldade” (A9)</i>
09.2	<i>O aluno (A9) disse que iria recuperar essas notas nos próximos bimestre, pois ele não quer reprovar.</i>
09.4	<i>O aluno ficou com uma cara de quem não gostou muito, mas no final percebeu que seria injusto colocar uma nota azul para uma pessoa que não fez nada e que nem tentou fazer as atividades.</i>

Como podemos ver, a UA 08 foi o único momento que a professora registra nas suas narrativas em que, de fato, ocorreu o *feedback* dos alunos. Black e Wiliam (1998) entende que o *feedback* faz com que o aluno aprenda a identificar suas habilidades e dificuldades. Para que o *feedback* ocorra, convém que a professora crie meios para os alunos observarem suas dificuldades e aprendizagens. Nesse caso, a professora utilizou a autoavaliação para os alunos se analisarem. Por meio disso, ela deve ter obtido o *feedback*, que mostrou que o aluno em questão realmente se preocupava com o seu processo de aprendizagem, identificando o seu grau de dificuldade. Diante dessa análise, observamos que a professora teve oportunidade de refletir sobre sua prática, adaptando, assim, seu “trabalho à necessidade de cada aluno” (BLACK e WILIAM 1998).

Na UA 09.2, é evidente que o aluno ainda está preocupado com sua nota e não com a aprendizagem, sendo que este aluno² é o mesmo da UA 08, nesse caso ele fala que irá “*recuperar essas notas*”, o que ele até consegue, mas a aprendizagem daquele conteúdo não irá ocorrer mais, pois o bimestre já havia se encerrado e a professora iria iniciar novos conteúdos. O aluno, nesse momento, não estava pensando em conteúdo e sim em nota. Segundo Hoffmann (2013), os alunos estão preocupados em tirar uma boa nota para passar naquela matéria e, às vezes, esses momentos deixam eles angustiados e com medo, devido à preocupação deles em serem promovido para a série seguinte. Na fala desse aluno, fica nítido que a preocupação maior é ser aprovado e não a sua aprendizagem. Diante dessa situação, inferimos que a professora precisa refletir sobre

² Este é o aluno A9, o qual está exposto na unidade de análise 08 e 09.2.

suas ações e sobre as concepções de avaliação, pois se os alunos agem dessa maneira é porque, em algum momento, não lhes foi esclarecido sobre como seria a avaliação ou, ainda, a professora não conseguiu planejar suas atividades de forma que evidencie a aprendizagem e não a nota dos alunos.

Na UA 09.4, notamos que a professora provavelmente estava preocupada com a nota do aluno, pois ficou questionando se ele mereceria uma nota vermelha ou azul. A questão é que em nenhum momento notamos nas narrativas da professora evidências que pudessem indicar que ela relaciona essa “nota” a objetivos de aprendizagem, de forma que acaba parecendo que a nota estaria atrelada a mera realização de atividades acompanhadas da participação em sala de aula. Nessa situação, fica nítida a valorização da nota pela professora. Se ela estivesse realmente preocupada com a aprendizagem, essa nota vermelha ou azul não teria muita importância para esse aluno. A professora queria, então, que o aluno refletisse sobre sua nota, todavia, essa não foi a melhor forma, pois nas unidades de análise anteriores apareceram que ela avaliaria os alunos por meio do comportamento deles, visto que, nesse momento, ela disse que iria aplicar uma nota baixa para esse aluno porque ele não fez nenhuma atividade. Essa situação permite afirmar que a professora ainda não havia compreendido os pressupostos da avaliação formativa e continuava, de certa forma aplicando suas concepções avaliativas a partir de uma reflexão da prática distanciada da teoria.

Feedback da professora sobre a prova: nessa categoria está exposta as unidades de análises que foi possível observar o *feedback* da professora em relação a prova.

Quadro 05: Unidades de análise – Feedback da professora sobre a prova

Narrativas	Unidades de análises
09.1	<i>Fiz uma tabela com as notas (trabalhos, prova, participação em sala de aula) e a média final de cada aluno, o qual iria mostrar a nota para cada um. Minha intenção com esse diálogo era mostrar para eles, qual a importância de cada número que estava ali, qual o sentido daquela nota, não queria que eles vissem somente como um número sem importância.</i>
09.3	<i>Tentei conversar com esse aluno, perguntando: Por que não teve interesse em participar das aulas? Porque não tentou resolver apenas uma questão da prova? Porque nunca fez nenhuma atividade proposta? Falei que se esse aluno não se manifestar em nenhum momento desses, nunca vou saber se ele está aprendendo ou não, preciso de algum indicio para saber se está ocorrendo a aprendizagem.</i>

Na UA 09.1, percebemos que a professora realiza uma ação interessante, pois apresenta aos alunos as notas obtidas por eles nas atividades realizadas naquele

bimestre. A intensão da professora era dar sentido as notas obtidas pelos alunos, ou seja, ela queria que os alunos pudessem perceber o “porquê” daquelas notas e da média obtida por eles. No entanto, ela não se atentou para o fato de que, apesar de seu empenho em organizar esses números em uma tabela, ainda sim aqueles números não faziam sentido nenhum, pois eles não estavam associados aos objetivos de aprendizagem, de forma que os alunos não poderiam saber, apenas com essa tabela, o que aprenderam ou deixaram de aprender. Convém lembrar que, segundo os referenciais teóricos de Black e Wiliam (1998), o *feedback* se preocupa em mostrar a aprendizagem dos alunos e não com suas notas. Assim, quando um aluno recebe uma nota e não reconhece sua aprendizagem esses dados tornaram-se desnecessários. O *feedback* deve levar os alunos a reconhecerem suas dificuldades e suas aprendizagens; portanto, é preciso fornecer meios para que esses alunos obtenham esses reconhecimentos e uma oportunidade para que eles possam construir essas aprendizagens que eles perceberam que ainda não tinham. Nesse caso, a professora somente quis mostrar as notas para os alunos. Porém, depois desse momento, deveria ser dada mais uma oportunidade para os alunos apresentarem o que aprenderam. Neste caso, percebemos que não houve nenhum desses momentos. O que observamos é que o feedback dado aos alunos pela professora foi baseado somente na explicação da nota e não na aprendizagem deles.

Na UA 09.3, a professora tentou aproximar do aluno para descobrir o porquê de ele não querer fazer as atividades. Nessa UA, notamos que a professora tem a concepção de que só pode avaliar os alunos por meio de algum instrumento, e acaba se esquecendo de todo o diálogo realizado na sala de aula. É por meio desse diálogo que ela tem a oportunidade de saber se a aprendizagem se processou. No momento em que a professora se prendeu somente aos instrumentos de avaliação, ela, conseqüentemente, não conseguiu perceber se o aluno tinha aprendido o conteúdo.

Reflexões da professora sobre como elaborar a nota: nessa categoria apresentamos as unidades de análises que foi possível observa os momentos de reflexão da professora sobre a elaboração da nota.

Quadro 06: Unidades de análise – Reflexões da professora sobre como elaborar a nota

Narrativas	Unidades de análises
09.5	<i>Mas infelizmente estou com um grande problema, não sei como fazer a média final dos alunos, não sei se devo atribuir pesos diferentes nos trabalhos ou se faço apenas uma média com as notas. Estou tendo muita dificuldade em realizar essa nota final. Então a nota final será dada por: (Média dos trabalhos) x0,4 + (Prova) x0,2 + (Média de participação) x0,4 = Nota Final.</i>
10.2	<i>[...] a maioria dos alunos ficaram apavorados tentando resolver o exercício, pois iria valer um ponto, já outros nem tentaram fazer. Nesse momento percebi o quanto os alunos se importam com a nota e não com a aprendizagem.</i>
19.2	<i>Quando saí da escola, fiquei pensando nesse comportamento dos alunos, será que eles ficaram quietos só porque eu iria aplicar uma prova em seguida, sendo assim precisavam aumentar as notas deles? Será que esse comportamento foi só por causa da avaliação, ou eles realmente queriam aprender? Mas falei várias vezes para os alunos que a nota final não seria somente da prova, será que eles ainda não compreenderam isso? Não consegui entender esse comportamento dos alunos, pois na hora que estava em sala de aula achei que os alunos realmente estavam interessados, por isso ficaram quietos, mas depois que sai da escola já tive uma outra visão sobre essa situação.</i>
21	<i>Para fazer a média dos alunos desse bimestre, tive muitas dificuldades, o qual novamente não sabia como fazer a média, pois não queria ser injusta que ninguém. Perguntei para vários professores da Universidade como eles faziam as médias dos alunos, perguntei para vários colegas, fiquei muito preocupada. Tinha várias atividades dos alunos, mas não sabia como atribuir essa nota final. Esse momento de atribuir as notas aos alunos foi um dos mais complicados.</i>

A UA 09.5 apresenta uma dificuldade que a professora teve na sua ação, ou seja, atribuir uma nota que refletisse o rendimento dos alunos naquele bimestre. Para resolver esse problema, ao invés de buscar uma reflexão pautada na teoria, ela recorreu aos modelos e técnicas vivenciados por ela, principalmente na universidade, pois os seus critérios de avaliação compreendeu atribuir pesos diferentes aos instrumentos avaliativos. Acontece que o peso nas notas não se relaciona diretamente a aprendizagem dos alunos, mas sim com a importância que é dada ao instrumento. Não existe nenhuma relação, pelo menos encontrada nos referenciais estudados, entre a medida da aprendizagem a partir da atribuição de notas diferentes a instrumentos avaliativos diferentes. Ao invés disso, ela poderia ter estabelecido outro critério que levasse em consideração os objetivos de aprendizagem que ela tinha em mente para que seus alunos atingissem e elaborasse uma maneira de transformar esses objetivos de aprendizagem em medidas para que pudesse atribuir uma nota no final do bimestre que realmente refletisse o que os alunos aprenderam e o que eles não aprenderam. Ao contrário disso, mais uma vez ela reforça o caráter comportamental dos alunos na obtenção da nota,

quando revela a importância do instrumento e da sua resolução e menor importância aos indicadores de aprendizagem.

Na UA 10.2, reparamos que a professora reflete durante a ação, porque ela consegue perceber que influenciou os alunos a pensarem na nota, quando estabelece um critério avaliativo para aquela atividade. É importante ressaltar, que neste caso, a nota foi utilizada como forma de controlar as ações dos alunos, uma vez que ela notou que eles não tinham interesse em realizar a atividade. Ela recorreu à nota como forma de incentivar os alunos a realizarem as atividades. Quando viu que sua estratégia aparentemente dera certo, ela se deu conta do que havia feito, pois comenta que os alunos estão interessados na nota e não na aprendizagem. Entretanto, se eles têm essa postura é porque a própria professora induziu-os a agir dessa forma, pois as unidades de análise anteriores mostram que a todo o momento a professora estava preocupada com a nota e não com aprendizagem, portanto o modo de ela agir fez com que os alunos pensassem dessa forma.

A UA 19.2 mostra a reflexão da professora após sua ação. Nesse momento, ela consegue refletir sobre tudo o que aconteceu em suas aulas, conseguindo, assim, fazer uma boa leitura do ocorrido, ou seja, identificando que não deveria avaliar os alunos por meio dos seus comportamentos, pois eles ficaram mais preocupados com isso do que com a própria aprendizagem em sala de aula. A professora demorou um pouco para conseguir perceber seu erro, mas, quase no final do processo, conseguiu refletir e perceber os momentos em que acreditou que poderia ter feito de outra forma.

Diante dessa análise, identificamos um avanço e a importância da reflexão da professora, pois, de acordo com Schön (1992), esse processo de reflexão permite uma reflexão sobre tudo o que foi feito nas aulas, ensejando, assim, novas práticas. Esse também é um ponto importante para a avaliação formativa, pois, por meio das dificuldades dos alunos, a professora percebeu que eles não estavam aprendendo, não porque não sabiam e, sim, por causa da metodologia aplicada. A professora reconheceu que os alunos não estavam evoluindo em suas aprendizagens, o que mostrou a necessidade de uma nova prática. Black e Wiliam (1998) comentou que a avaliação só se torna formativa quando o professor consegue refletir sobre sua prática e percebe que deve haver uma mudança, a fim de oferecer oportunidade para os alunos superarem as próprias dificuldades.

A UA 21 mostrou que a professora teve dificuldade novamente em realizar a média final dos alunos. Nessa unidade de análise, ela queria ver a evolução dos alunos,

diferentemente da UA 09.5, em que ela atribui pesos diferentes aos trabalhos. O problema encontrado nessa UA é como a professora percebeu a evolução dos alunos. Considerando a avaliação formativa, ela teria que avaliar os alunos em função de suas aprendizagens. Já nesse caso, pareceu que a professora considerou a evolução dos alunos em função das notas, pois, nas análises anteriores, ela se mostrou o tempo todo preocupada com a nota e não com a aprendizagem. A proposta que a professora queria fazer é válida no conceito da avaliação formativa, mas mostrou que ela não conseguiu efetivar o que pretendia, porque, na hora de fornecer uma média final para os alunos, ficou perdida. Diante dessa UA 21 notamos que a professora recorreu a seus professores e colegas da Universidade, pois a Universidade deve efetivar essa relação entre a teoria e a prática. Essa conversa deve ser estimulada, além, obviamente, da autonomia em recorrer à teoria. Nesse caso, a professora passou o seu processo inteiro preocupada em fornecer uma nota aos alunos, sendo assim, eles não tiveram conhecimento de como seriam avaliados, considerando que nem a professora sabia como iria fazê-lo.

Os referenciais teóricos ressaltam que, na avaliação formativa, o professor deve avaliar a aprendizagem e não ficar somente presos em aplicar uma nota. Assim, em cada aula, o professor deve mostrar para os alunos qual é o objetivo daquela aula, o que se espera do aluno naquela aula, avaliando os alunos de forma constante. Se a professora tivesse agido dessa maneira, o qual diz a teoria, ela não teria ficado o tempo todo preocupada com a nota.

Reflexões da professora sobre a prática avaliativa: as próximas unidades de análises referem-se às reflexões enunciadas pela professora em suas narrativas sobre a realização da avaliação.

Quadro 07: Unidades de análise – Reflexões da professora sobre a prática avaliativa

Narrativas	Unidades de análises
16	<i>Enquanto estavam fazendo a prova, fiquei observando as atitudes dos alunos e suas falas, “Professara eu não sei fazer nada disso” (A8), “Professora me ajuda” (A12), “Professora vai ter recuperação?”(A1). Pude perceber duas coisas, a primeira é porque os alunos só têm dúvidas no momento da prova? Porque somente na hora da prova eles querem aprender? E porque eles estão tão preocupados com a nota da prova? Alguma dessas perguntas ainda não sei responder, mas penso que os alunos querem aprender apenas na prova, pois acreditam que suas notas saíram somente daquela avaliação, por isso estão preocupados com a prova.</i>
19.1	<i>Na prova anterior todos alunos tiveram mal desempenho, acredito que isso ocorreu porque a maioria das questões eram para usar conceitos matemáticos.</i>

Na UA 16, observamos as indagações da professora durante a realização de prova, constituindo-se um momento de reflexão da professora. Diante das perguntas da professora, percebemos que ela questionava o porquê de os alunos se preocuparem tanto com a nota. Nas as unidades de análise anteriores, também é possível identificar o quanto a professora estava preocupada com a nota dos alunos e não com a aprendizagem. Dessa forma, o modo com que a professora agiu com os alunos fez com que eles ficassem preocupados com a nota, evidenciando que a professora é quem deveria ter mudado suas concepções de avaliação para, depois, cobrar dos alunos. Identificamos, nesse momento que, a professora não refletiu sobre a sua prática.

O que a professora esperava, na verdade, é que os alunos deveriam pensar em suas aprendizagens e não na nota final, mas nem ela mesma conseguiu identificar a aprendizagem dos alunos. Essas concepções dos alunos sobre a prova não foram somente culpa da professora, o sistema também tem sua parcela de culpa, pois, desde os anos iniciais, essas concepções de avaliação são impostas pelo sistema. Sendo assim, essa concepção é antiga, vem de muitos anos anteriores. Convém lembrar, que a professora constitui também um instrumento que avalia o comportamento do aluno, comportamento esse que não reflete a aprendizagem e também atribuiu pesos aos instrumentos de avaliação (visto na U.A 09.5). Na verdade, a professora reforça essa concepção de comportamento, na medida em que os alunos se importam mais com uma atividade do que com a outra. Quando a professora se questiona sobre o porquê de os alunos somente se interessam em aprender na hora da prova poderia ter sido alvo de uma reflexão dela, pois talvez esse comportamento dos alunos possa estar associado a ideia que eles têm de como será sua nota. Uma vez que a nota é atribuída somente na hora da avaliação e não nas atividades em sala de aula, o aluno vê a avaliação como o momento de obter essa nota. Assim, percebemos que alguns alunos não estão interessados em aprender, mas sim interessados em tirar uma boa nota na prova. Uma alternativa possível para a mudança dessa concepção seria considerar todas as atividades e aulas importantes do ponto de vista da aprendizagem e esclarecer aos alunos antes das aulas quais são as expectativas de aprendizagem e, durante o processo, avaliar se eles atingiram essas expectativas. A avaliação formativa tem esse pressuposto de a avaliação ser processual, ou seja, de acontecer a todo instante e seu resultado ser utilizado como parâmetro para indicar a direção do processo de ensino da professora.

Na UA 19.1, a professora percebeu que os alunos tinham apresentado um mau desempenho devido aos conceitos matemáticos. Isso revela, de certa forma, quais eram

os objetivos de aprendizagem da professora. A questão que fazemos é: Será que os alunos tinham consciência daquilo que seria cobrado na avaliação? Ou seja, a professora deixou claro para os alunos o que ela esperava que eles apresentassem como evidência de aprendizagem? Infelizmente, porém, só agora ela percebeu que suas provas não estavam de acordo as aulas, já que, eram aulas teóricas, sem aplicação de atividades, e durante as realizações da prova eram cobradas equações matemáticas. Esse processo revela uma incoerência na prática, pois foi cobrado na prova, o que não foi feito em sala. Entretanto, esperamos que a professora reflita sobre essas ações, e entenda que a aula aplicada em sala deve ser coerente com a forma de avaliar, e não fazê-lo em momentos distintos. Durante as aulas a professora cobrava que os alunos expressassem seus entendimentos sobre o conteúdo ali estudado e no momento da prova era cobrado equações matemática, não dando oportunidade para os alunos expõem seus entendimentos. Diante dessa situação os alunos não conseguiam realizar a prova, portanto a professora deverá mudar sua prática em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encontramos na avaliação formativa, referencial importante para analisar a prática do professor, constituindo em um arsenal teórico que possibilita compreender as individualidades dos alunos. A avaliação formativa é importante para o professor manter-se no processo de reflexão sobre sua prática, a fim de obter subsídios para refletir sua prática em sala de aula.

Por meio das análises das dimensões, encontramos pontos importantes, sobre a prática da professora em sala, verificando se ela aproximou-se ou distanciou-se de uma avaliação formativa.

Portanto, pudemos analisar, por meio das categorias, que a professora, passou seu período inteiro de regência preocupada em atribuir uma nota para seus alunos, não levando em conta o processo de ensino e aprendizagem. Visto que, durante suas aulas, a professora se mostrou incoerente, pois as aulas eram baseadas na interação da professora-alunos, sempre se mostrando preocupada com a participação e aprendizagem dos mesmos. Entretanto, no final do conteúdo a professora aplicava uma prova, ou atividades, a qual não condiziam com suas aulas. Essa prática revela que a professora se distanciou da avaliação formativa, o qual não mostrou preocupada com a processo de

aprendizagem e sim com o resultado final. Também percebemos que houve poucos momentos de reflexão sobre a sua prática.

Pudemos perceber, que a reflexão que a professora realiza não se aproxima muito da reflexão baseada na avaliação formativa, pois ela não utiliza a teoria nas suas reflexões, o que evidencia que ela caminhou pelo terreno de um ensino técnico, por meio de aplicações de provas com exercícios matemáticos.

Em alguns momentos a professora se aproximou da avaliação formativa, mostrando a importância da reflexão, quando conseguiu refletir sobre sua prática, evidenciando a incoerência de sua aula com a prova. Ela percebeu que deveria mudar sua prática em sala de aula. Por outro lado, na maior parte de suas reflexões, tentava mudar sua prática metodológica, sem embasamentos teóricos. Essa reflexão se distanciou da avaliação formativa.

Outra ação da professora que está relacionada com a avaliação formativa foi o *feedback* realizado aos alunos. Nesse quesito ela se aproximou da avaliação formativa quando cria meios para que os próprios alunos reconheçam suas dificuldades e aprendizagem, um fato onde podemos observar esse momento é quando a professora dá oportunidade para eles se avaliarem.

No entanto, ela se afasta da avaliação formativa quando realiza seu *feedback* pela sua percepção, sendo que durante suas ações em sala de aula, ela percebe que os alunos estão com dificuldades, mas não proporcionou meios para que os alunos reconhecessem tais dificuldades.

Outra questão importante, é que professora utilizava a nota como um instrumento que avaliava o comportamento e a participação dos alunos em sala de aula. Esse processo se distancia da avaliação formativa, visto que essa se preocupa principalmente com a aprendizagem dos alunos.

Todos esses aspectos contribuíram para as reflexões da professora que, ao final do processo, pode perceber as limitações de sua prática e a sua falta de compreensão teórica na utilização da avaliação formativa. Percebemos que a professora tinha embasamento teórico, mas não conseguiu aplicar em sala de aula. Essas limitações, evidenciam que, a prática da professora mais se distanciou do que se aproximou da avaliação formativa.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BLACK, P; WILIAM, D. **Inside the black box: Raising standards through classroom assessment**, *School of Education*, King's of College, London, 1998, p. 1-21.

FREITAS, D.; GALVÃO, C. O uso de narrativas autobiográficas no desenvolvimento profissional de professores. **Ciências & Cognição**, v. 12, p. 219-233, 2007.

HADJI, C. **A avaliação Desmistificada**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

HOFFMANN, J. **Avaliação mito & desafio: uma perspectiva construtivista**. Porto Alegre: Mediação, 2013.

SCHÖN, D. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2000

SCHÖN, D. A. **Formar professores como profissionais reflexivos**. In: NÓVOA, A. (Coord.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

VILLAS BOAS, B.M.F. Avaliação formativa e formação de professores: ainda um desafio. Brasília, **Linha Críticas**, v.12, n.22, p.75-90, jan./jun. 2006.